

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL:

O QUE AS CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES TÊM A DIZER?

Cristina Teodoro Trinidad

Doutora em Psicologia da Educação

Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

cris.teodoro@outlook.com.br

Resumo

No Brasil, a constituição da identidade étnico-racial de crianças pré-escolares, é um tema pouco pesquisado. Nesse sentido, o artigo apresenta alguns dos resultados encontrados com o desenvolvimento de pesquisa finalizada em 2011 e evidencia que crianças entre 4 e 5 anos de idade, em espaços de Educação Infantil, constroem suas identidades étnico-raciais em relação com adultos e outras crianças, utilizando-se de critérios semelhantes aqueles utilizados pelos adultos em processo de auto-identificação racial. Outros resultados demonstraram que valores sociais e culturais, determinadores do racismo e do preconceito, foram apropriados desde a tenra idade. O artigo apresenta ainda como o corpo, instrumento de que expressa a identidade étnico-racial e permite a mobilidade, é fator de negação, diante dos sofrimentos vivenciados por aquelas crianças, particularmente, às que se identificaram como pertencentes ao grupo étnico-racial negro.

Palavras chave: Crianças. Educação Infantil. Corpo. Identidade Étnico-racial.

Introdução

A constituição da identificação étnico-racial na infância não tem sido o foco de estudos no Brasil. São poucas as pesquisas que privilegiam as crianças como atores sociais em condições de explicitar sua compreensão sobre seu pertencimento étnico-racial. Esse distanciamento parece estar relacionado a dois fatores: a complexidade de se discutir cor e a raça no Brasil e ao fato de não se considerar a criança pequena como um sujeito de pesquisa válido. Estudos realizados a respeito do assunto indicam que em sua maioria, eles foram desenvolvidos com crianças e adolescentes entre sete e dezoito anos. Os resultados encontrados são bastante distintos, talvez em função da metodologia, da região em que foram realizados, dos sujeitos pesquisados e, evidentemente, do perfil e da visão do pesquisador sobre a temática.

O artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado *Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de Educação Infantil*, realizada na pós-graduação em Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e finalizada em 2011. O estudo teve como sujeitos, crianças entre 4 e 5 anos de idade e visou compreender se – e como – as crianças em idade pré-escolar compreendiam a identificação étnico-racial; 2) os critérios que empregavam para tal; e 3) a forma por meio da qual essa identificação era explicitada.

Distintamente do que ocorre no Brasil, Jones (1973) e Fazzi (2006) apontam que, desde a década de 1940, pesquisas norte-americanas têm procurado compreender como as crianças pequenas percebem sua identificação étnico-racial. Os autores mencionam a investigação mais clássica, desenvolvida por Clark & Clark em 1947, em que foram utilizadas bonecas brancas e negras como recurso para a autoidentificação. As conclusões alcançadas indicaram que crianças pequenas tinham dificuldade de aceitar sua negritude e sérios problemas de identidade social. Ao pesquisar crianças pré-escolares de cinco anos, Holmes (1995) verificou que elas já utilizavam o critério da cor para identificar pessoas e estabelecer comparações sociais. Foram às distintas realidades que despertaram meu interesse em desenvolver a pesquisa, tendo as crianças pequenas como sujeitos. Nesse sentido, objetivo com este artigo apresentar alguns dos resultados encontrados, onde é possível compreender como as crianças, em suas relações, se constituem étnico/racialmente e como atribuem valores à constituição de si e do outro.

Identificação étnico-racial: o que significa?

Ao se referir à identidade coletiva ou étnica, Kabengele Munanga explica que é essa é uma categoria que define um grupo e que esta definição pode ser realizada por membros do próprio grupo, via atributos selecionados no seu complexo cultural, como por exemplo, a língua, a religião, a arte, os sistemas políticos, a economia, a visão de mundo. Como também, de sua história, de seus traços psicológicos coletivos, etc., “entendidos como mais significativos do que outros e que os diferenciam de demais grupos ou comunidades, religiões, nações, etnias”. Para ele, a identidade é uma categoria de autodefinição ou autoatribuição, que carrega uma carga de subjetividade e de preconceitos em relação aos demais grupos. (MUNANGA, 2012, p. 9)

Ainda, segundo o autor, a identidade coletiva também pode ser uma autodefinição ou uma autoatribuição realizada por outro grupo, por meio de outros aspectos que não foram selecionados pelos membros do próprio grupo. Ou seja, a identidade, nesse caso, pode ser uma categoria de hetero-atribuição ou hetero-definição. “Neste sentido, quando os europeus entraram pela primeira vez em contato com povos diferentes deles:

O artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado *Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de Educação Infantil*, realizada na pós-graduação em Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e finalizada em 2011. O estudo teve como sujeitos, crianças entre 4 e 5 anos de idade e visou compreender se – e como – as crianças em idade pré-escolar compreendiam a identificação étnico-racial; 2) os critérios que empregavam para tal; e 3) a forma por meio da qual essa identificação era explicitada.

ameríndios, africanos, asiáticos, atribuíram a esses povos identidades coletivas, de acordo com o seu olhar cultural, identidades que nada tinham a ver com as que esses povos utilizavam para se autoatribuírem.” (MUNANGA, 2012, p. 10)

No Brasil, diversos estudiosos sobre a temática têm evidenciado que o sistema de identificação étnico-racial no Brasil é complexo, ambíguo e fluido. E ele assim o é por resultar do processo sofisticado de combinação de elementos da aparência – cor da pele, traços corporais (formato do nariz e dos lábios, tipo do cabelo), origem regional e social. Ou seja, ele resulta da “aparência geral”, composta pela combinação entre o estilo de vida, o grau de instrução, a renda, o estilo em matéria de moda (penteados, tipo de roupa usado, marca de carro possuída) e até mesmo a simpatia ou a antipatia da pessoa em questão (ROCHA, 2007, p. 762).

As crianças em seus processos de construção da Identidade Étnico-racial

Se, no Brasil, as pesquisas realizadas com crianças para compreender a identificação étnico-racial são raras, o mesmo não se pode dizer acerca dos EUA. Lá, desde a década de 1940, pesquisadores têm se debruçado sobre a complexidade dessa área de estudo, focando, principalmente, crianças em faixa etária pré-escolar. Entre os estudos, o mais reconhecido a respeito do processo de identificação étnico-racial de crianças entre três e sete anos foi o desenvolvido por Mamie Clark em 1947. O método utilizado consistiu em empregar quatro bonecas idênticas, porém com cor de pele e cabelo diferentes. Perguntas foram feitas sobre a identificação e a preferência racial. Em relação à identificação étnico-racial, o estudo mostrou que as crianças negras tinham uma aguda consciência racial. Entretanto, ter consciência racial não significa contar com uma autoidentificação étnico-racial socialmente exata: quando se pediu às crianças negras que mostrassem qual boneca mais se parecia com elas, o resultado, como esperado, não foi sempre a indicação da boneca negra. Em relação às preferências raciais, a autora verificou que a maioria das crianças negras preferia as bonecas brancas, pois as consideravam mais bonitas. Para elas, as bonecas brancas tinham uma cor bonita e as bonecas negras pareciam más (JONES, 1973, p. 35). Sumariamente, por meio dos

O artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado *Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de Educação Infantil*, realizada na pós-graduação em Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e finalizada em 2011. O estudo teve como sujeitos, crianças entre 4 e 5 anos de idade e visou compreender se – e como – as crianças em idade pré-escolar compreendiam a identificação étnico-racial; 2) os critérios que empregavam para tal; e 3) a forma por meio da qual essa identificação era explicitada.

diferentes estudos realizados nos EUA, sobretudo nas últimas 50 décadas, sobre a identificação étnico-racial entre crianças pequenas, é possível compreender como principais resultados os seguintes:

- O reconhecimento de que as pessoas podem ser brancas ou negras, desenvolve-se por volta dos três e quatro anos de idade.
- As crianças negras ou brancas só se reconhecem como membros de um desses grupos após os três anos idade.
- Até os sete anos de idade, as crianças acreditam que a identidade étnica é mutável.
- A predisposição para se identificar como “branca” desenvolve-se, em geral, após o contato com indivíduos de grupos étnicos diferentes daqueles a que a criança pertence.
- A raça e o sexo são aspectos percebidos pelas crianças desde os três anos de idade e exercem algum tipo de influência sobre as categorizações sociais.

Na pesquisa aqui apresentada, realizada com as 33 crianças, foram encontrados, entre outros, os seguintes resultados: as crianças em idade pré-escolar já fazem uso de várias das categorias utilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As observações indicaram que, tal como os adultos, elas se referem, em sua vida diária, as categorias “branco”, “preto”, “amarelo”, e, ainda, usam o conhecido termo “moreno”. Apenas a categoria “indígena” não foi mencionada pelas crianças participantes do estudo. A textura e a cor do cabelo, além da cor da pele, foram os atributos mais utilizados pelas crianças para definirem suas identidades étnico-raciais.

Das crianças pesquisadas, a maioria era fruto de relações interracialis, quando o pai e a mãe pertencem a grupos étnico-raciais distintos – branco ou preto, para citar apenas os termos que as crianças empregaram na heteroatribuição de seus pais. Essas crianças são, portanto, pardas, pois apresentava, tal como a população brasileira, traços físicos variados e distintos. Em contextos do parque, em momentos de brincadeiras das

O artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado *Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de Educação Infantil*, realizada na pós-graduação em Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e finalizada em 2011. O estudo teve como sujeitos, crianças entre 4 e 5 anos de idade e visou compreender se – e como – as crianças em idade pré-escolar compreendiam a identificação étnico-racial; 2) os critérios que empregavam para tal; e 3) a forma por meio da qual essa identificação era explicitada.

crianças e por via de conversas informações, contação de história, entre outros métodos, foi possível perceber, naquele momento, que nas crianças brancas, ou naquelas que tinham tais feições, o desejo de mudar algo em sua aparência foi raro. Elas passavam a impressão de que se sentiam confortáveis sendo como eram. Do que foi possível apreender, o caráter positivo da cor/raça branca vigorava entre as crianças brancas e era por elas salientado e reproduzido. No entanto, à medida que os traços físicos se acercavam do grupo étnico-racial negro – pretos e pardos – o desejo e a confiança das crianças em relação aos seus corpos, se modificavam. O imaginário de ter a aparência da Bela Adormecida era evidenciado:

Thamires Hélia falou: “Eu queria ser com o cabelo ‘sem ser enrolado’”. Eu perguntei, então, o que mais ela gostaria de ter diferente. Ela me respondeu: “Eu queria que os meus olhos fossem iguais aos da Bela Adormecida”. Eu lhe disse: E você queria ter a cor igual à da Bela Adormecida, também? Ela disse: “Querida, sim”. Perguntei-lhe qual era a cor da Bela Adormecida. Ela então me disse: “Rosa, cor de pele”. (Thamires Hélia, mãe branca e pai sem identificação).

Entre as crianças que se autoidentificaram como preta poucas não demonstraram vontade de ser diferente, a insatisfação com seus corpos pequenos eram representados, principalmente, pelo cabelo e pela cor da pele. Na maior parte dos casos, o moreno, quando acompanhado de traços negros, explicitava situações em que a perversidade do racismo, resultavam em sofrimento e na negação de seus corpos. “O cabelo, eu não queria esse topete e também queria ser branco. Eu queria que meu pai ‘nascesse’ branco, minha mãe “nascia” branca e minha irmã “nascia” branca! Queria toda a minha família branca” (Luiz Gabriel, mãe morena, pai não identificado).

No relato dessa criança, dois aspectos chamaram à atenção: as modificações almejadas foram estendidas a todos os membros da família. A raça, nas palavras desse menino, adquire um significado cultural socialmente construído entre nós: ser branco é ser melhor. Apesar do avanço do tempo e das transformações da sociedade brasileira, as marcas do racismo que atribui valores sociais e culturais aos traços físicos, dividindo as pessoas e determinando lugares de inferioridade e superioridade, ainda vigora. Sobre isso Gomes (2003) reforça que a sociedade brasileira, por meio do racismo, continua a se

O artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado *Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de Educação Infantil*, realizada na pós-graduação em Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e finalizada em 2011. O estudo teve como sujeitos, crianças entre 4 e 5 anos de idade e visou compreender se – e como – as crianças em idade pré-escolar compreendiam a identificação étnico-racial; 2) os critérios que empregavam para tal; e 3) a forma por meio da qual essa identificação era explicitada.

utilizar de estratégias que retira do negro, por meio de seu corpo, seu *status* de humano. “talvez seja esta uma das piores maneiras de o racismo se perpetuar. Ele transforma as diferenças inscritas no corpo em marcas de inferioridade. Nesse processo são estabelecidos padrões de superioridade/inferioridade, beleza/feiúra.” (GOMES, 2003, p. 80).

Ao longo da trajetória de negros e negras na história do país e, atualmente na história e nos corpos das crianças pesquisadas, o cabelo crespo e o corpo negro, continuam se apresentando como um dos principais argumentos para retirar do negro a sua humanidade e o lugar da beleza. “o fato de a sociedade brasileira insistir tanto em negar aos negros e as negras o direito de serem vistos como belos expressa, na realidade, o quanto esse grupo e sua expressão estética possuem um lugar de destaque na nossa constituição histórica e cultural”. (GOMES, 2003 p. 80)

Referências bibliográficas

- ABOUD, F. E. The Development of Ethnic Self-Identification and Attitudes. In: PHINNEY, J. S.; ROTHERAM, M. J. *Children's Ethnic Socialization*. Newbury Park: Sage Publications, 1987.
- CLARK, K. B.; CLARK, M. P. Racial Identification and Preference in Negro Children. In: PROSHANSKY, H.; SEIDENBERG, B. (Ed.) *Basic studies in social psychology*. New
- GOMES, N. L. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-84, maio/ago. 2003.
- FAZZI, R. C. *O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- HOLMES, R. M. *How young children perceive race*. California: Sage Publications, 1995. (Series on race and ethnic relations, 12).
- MUNANGA, K. Negritude e identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso?. *Revista da ABPN*. V. 4, n. 8. Jul.-out. 2012.
- ROCHA, Edmar José da; ROSEMBERG, Fúlvia. Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos(as). *Cad. Pesquisa.*, São Paulo , v. 37, n. 132, p. 759-799, Dec. 2007

O artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado *Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de Educação Infantil*, realizada na pós-graduação em Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e finalizada em 2011. O estudo teve como sujeitos, crianças entre 4 e 5 anos de idade e visou compreender se – e como – as crianças em idade pré-escolar compreendiam a identificação étnico-racial; 2) os critérios que empregavam para tal; e 3) a forma por meio da qual essa identificação era explicitada.